



<
Peepshow nos Alpes,
de Markus Köbeli,
enc. Luís Varela,
Teatro da Rainha, 2009
(Carlos Borges,
Miguel Araújo,
Isabel Lopes
e Bárbara Andrez),
fot. Margarida Araújo.

“Em Kleinseelen cantam-se tirolesas, ponto final parágrafo!”

Maria Helena Serôdio

Titulo: Peepshow nos Alpes (Peepshow dans les Alpes, 1992). Autor: Markus Köbeli. Tradução: Christine Zurbach. Encenação: Luís Varela. Cenografia e figurinos: José Carlos Faria. Adereços: António Canelas. Música: Amílcar Vasques Dias. Iluminação: José Miguel Lontro. Interpretação: Bárbara Andrez, Carlos Borges, Isabel Lopes, Miguel Araújo, Victor Santos. Produção: Teatro da Rainha. Local e data de estreia: Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha, 29 de Maio de 2009.

De almas pequenas e de desorientação social e moral quanto baste é o universo humano que o dramaturgo suíço Markus Köbeli convocou para esta sua comédia em jeito de farsa de sorriso "desalmado", a que Christine Zurbach conferiu uma tradução escurra e expressiva. Nela acompanhamos uma delirante confabulação de uma família suíça – de camponeses sem terra e filhos jovens sem emprego certo – que descobrem a possibilidade de se tornarem atracção turística em forma de *Big Brother*. Pois se os turistas sobem pelos Alpes acima no autocarro e aproveitam o acidentado do terreno para "se aliviarem" ali tão perto da casa deles, porque não acrescentar nova valência a essa "paragem" oferecendo um espectáculo ao vivo no espaço doméstico, com cortininha de janela a abrir – mediante pagamento prévio em caixinha própria – para revelar um belo quadro do quotidiano de uma família de autóctones?

O mecanismo que se cria a partir desta ideia "peregrina" comanda a "receita" da cena familiar tipo bilhete-postal que, inicialmente, se atém apenas a curtas cenas "ao vivo": mãe que faz tricô ou entra de terrina em riste para servir um "rösti" (inexistente), avô de 90 anos de cachimbo na

boca e sentado perto de uma salamandra (convenientemente atado à cadeira para não cair) ou declarações generosas da mãe como "Come à vontade, Jacob. Há que chegue para todos", entre outros mimos inventados para turista ver.

Só que essa fórmula se esgota a curto prazo, até porque repetida várias vezes ao dia, em sessões contínuas. Mas, uma vez que o jogo parece rentável, há que manter a comédia, pelo que partem a inventar figurinos, marcações e cenas, de acordo com estereótipos julgados adequados: "quadros" campestres (o homem de espingarda que vai à caça – numa primeira sessão – e que vem da caça – numa segunda sessão), o alegre colorido dos trajes típicos tiroleses, a evocação de cenas de Heidi e da Clarinha em reposicionamento semi-grotesco (pelo desajuste de idades e de vozes), enfim, uma panóplia de imaginação reduzida e macaqueação infundável. Em sentido oposto a esta feerização cada vez mais plastificada, as relações familiares azedam-se, a doença, o abandono dos velhos e a morte espertam. O que não significa que não venham a singrar na vida e a ganhar a possibilidade de comprar nova casa em lugar de mais fácil viver.

>
Peepshow nos Alpes,
 de Markus Köbeli,
 enc. Luís Varela,
 Teatro da Rainha, 2009
 (Miguel Araújo,
 Bárbara Andrez,
 Carlos Borges
 e Isabel Lopes),
 fot. Margarida Araújo.



O Teatro da Rainha prossegue, assim, um repertório a que não é alheia esta curiosa mistura de denúncia de um quotidiano degradado e de acentos cómicos, num projecto de sátira "comedida", que por vezes assume traços mais simbólicos, outras, como é agora o caso, nela prevalecendo uma tonalidade de cunho mais realista.

Encenou o espectáculo Luís Varela que, tendo-se formado na Escola Superior de Arte Dramática do Teatro Nacional de Estrasburgo no início dos anos setenta, e tendo completado o Mestrado na Universidade da Sorbonne, Paris III, em 1995, assegurou já funções de direcção no CENDREV, de que, aliás, foi co-fundador quando a companhia se constituiu como Centro Cultural de Évora sob a direcção de Mário Barradas em 1975. Foi durante os anos noventa Director da Escola de Formação Teatral do CENDREV e assegurou a docência em dramaturgia, encenação e arte do actor no Departamento de Artes Cénicas da Universidade de Évora durante vários anos, tendo mesmo assumido funções de director de curso (licenciatura em Estudos Teatrais) e Presidente do Conselho do Departamento de Artes dessa mesma Universidade. Do seu *curriculum* artístico é justo salientar a primeira experiência – ainda em 1969 – no âmbito do teatro universitário, com participação, como actor, em *Volpone*, o espectáculo que Adolfo Gutkin dirigiu no Cénico de Direito em Lisboa e que estreou em Abril no Teatro Politeama. Vemo-lo depois em três dos espectáculos do GAT (Grupo de Acção Teatral) que Artur Ramos dirigiu no Teatro Villaret no início dos anos setenta, mas será em Évora que Varela mais tempo se dedicou continuamente ao teatro de que mais gosta. Mas outras afinidades electivas o levaram já à Nazaré (a sua cidade natal, onde encenou no Teatro Chaby Pinheiro, em 1980, uma peça de Alves Redol), a Braga, à Covilhã, a Portalegre e, mais recentemente, às Caldas da Rainha onde já encenara *Uma noite na biblioteca* antes deste seu novo trabalho. Reencontra, de resto, neste colectivo do Teatro da Rainha, um interesse

muito próximo do que vem animando a sua arte cénica: uma dramaturgia contemporânea que reconcilie o teatro com uma visão crítica do real, partilhando razões políticas, despojamento de cena e apuro na direcção de actores.

O cenário simples, concebido por José Carlos Faria, aponta para a caixa de cena que duplamente se dá a ver na definição das três paredes que se erguem em palco: as laterais e a do fundo. No seu interior, a cena expõe ao olhar do público a sinalização mínima que serve aquela sobreposição de realidade e composição para ser vista. E aí reside uma primeira curiosa redundância: se a "quarta parede" nos permite devassar aquele "quotidiano" como *voyeurs* privilegiados, a verdade é que nos revemos também nesse outro "ponto de vista" que é a janela do fundo onde podemos vislumbrar rostos de quem espreita ou onde imaginamos o mundo de consumidores dos *Big Brothers* das televisões ou da vida real. E este trânsito de olhares insinua um primeiro comentário à vida de hoje, tão encenada quanto o teatro e os *media* nos ditam no dia-a-dia que julgamos inventar diariamente, quando, afinal, seguimos guiões há muito formatados para uso de todos.

Nos parques – mas expressivos – adereços de cena e na simplicidade dos figurinos (tudo desenhado por José Carlos Faria), sinaliza-se a mistificação dominante num jogo que transita entre o realismo quotidiano e as ficções inventadas para a nossa acanhada degustação televisiva, mas que transbordam para a irrisória imitação que delas fazemos (ou fazem muitos) na vida de todos os dias, desacertando do que é autêntico, perdendo o rumo da escolha de uma vida "verdadeira".

No trabalho dos actores podemos reconhecer um elevado nível de interpretação que, de resto, se vem firmando num repertório exigente que a companhia, dirigida por Fernando Mora Ramos, vem definindo e que volteja entre clássicos como Vicente, Molière, Merimée ou Pirandello, e autores contemporâneos como Herbert



<>
Peepshow nos Alpes,
de Markus Köbeli,
enc. Luís Varela,
Teatro da Rainha, 2009
(< Isabel Lopes
e Bárbara Andrez;
> Isabel Lopes
e Carlos Borges),
fot. Margarida Araújo.



<>
Peepshow nos Alpes,
de Markus Köbeli,
enc. Luís Varela,
Teatro da Rainha, 2009
(< Miguel Araújo;
> Victor Santos),
fot. Margarida Araújo.

Achternbusch, George Tabori ou Hristo Boytchev. De facto, Isabel Lopes, Carlos Borges ou Victor Santos, aqui acompanhados pelos mais jovens Miguel Araújo e Bárbara Andrez, compõem um elenco notável que mantém um registo despojado, mas onde se percebe o jogo hábil entre os dois níveis de invenção a partir de uma realidade da cena, mas de onde se parte para efabulações cada vez mais surrealizadas, não longe dos desequilíbrios do nosso viver contemporâneo.

Tudo a compor um espectáculo em que a simplicidade da sua formulação cénica alongava e expunha, com

diagnóstico certo, este viver da nossa contemporânea idade. Nele nos revemos entre o riso crítico – se calhar também cúmplice – e a mágoa de reconhecermos algumas das nossas debilidades sociais e éticas. Com uma alma pequena, como em *Kleinseelen*...